

A UFRJ, O Incêndio do Museu Nacional e a Memória Brasileira

Como os acidentes aéreos, há muitas causas para uma tragédia como o incêndio do Museu Nacional. E, ainda, como acidentes aéreos, esse não é o momento de caçar culpados, puni-los e imaginar que dessa forma a indignação pela perda sofrida será vingada. Vivemos um momento de profunda divisão da sociedade brasileira – por isso, é hora de serenidade e reflexão. Nada ganharemos se alimentarmos o fogo que consumiu o museu nacional, com mais ódio, aumentando as cinzas da perda de amor próprio da sociedade brasileira e instigando os instintos mais sombrios que pairam sobre a cabeça dos homens e mulheres racionais deste nosso país.

Há muitos exemplos contemporâneos de nações que, quando confrontada com grandes tragédias ou ameaças, se unem em torno de compromissos comuns para enfrentar os prenúncios de perigo que põe todos em risco. Portanto, essa é a hora de propor e discutir com todos os setores da sociedade brasileira se temos, ainda, forças para criar uma base comum de entendimento para que, independente da visão de mundo, a sociedade brasileira possa reconhecer valores comuns a serem transmitidos a nossos descendentes.

O Brasil foi um dos últimos países das Américas a criar uma universidade. Na América hispânica várias universidades foram criadas, ainda, no período colonial. Do México a Lima foram criadas universidades vinculadas a coroa e/ou a igreja, na velha tradição medieval¹. No século XIX, depois da independência, havia na América Hispânica mais de 30 universidades. Essas já não eram similares às antigas universidades coloniais, mas uma mistura do velho modelo com a visão napoleônica de universidades republicanas². No Brasil não havia nada similar. Apenas na segunda década do século passado foram criadas as primeiras universidades brasileiras³. Não havia nada no país tal qual a efervescência da vida universitária argentina, quando em 1918 os

¹ - Foram criadas no século XVI universidades em Santo Domingo, Lima, Cidade do México e Bogotá. No século XVII foram criadas outras 16 universidades tais como a de Córdoba, na Argentina e a do Panamá. Perkins, Harold, *History of Universities*, em: James J.F. Forest and Philip G. Altbach (eds.), *International Handbook of Higher Education*, 159–205. 2007 Springer

² Arocena, Rodrigo & Sutz, Judith, “Latin American Universities: From an original revolution to an uncertain transition”, *Higher Education* (2005) 50: 573–592

³ - Favero, Maria de Lourdes de Albuquerque, *Universidade no Brasil: das Origens a Reforma Universitária de 1968*, *Educar*, Curitiba, n. 28, p. 17-36, 2006. Editora UFPR



estudantes da Universidade de Córdoba se levantaram e lançaram um manifesto pela reforma universitária.

Apesar do atraso, o Brasil foi capaz de criar instituições universitárias vigorosas que estão hoje entre as principais do continente e, algumas delas, entre as 500 mais importantes do mundo. No entanto, essas têm ainda muitos problemas e a sociedade brasileira não tem para suas universidades o mesmo compromisso e orgulho que essas encontram em outros países do mundo. Em especial o papel da Universidade é pouco compreendido e conhecido. O desconhecimento e a indiferença do papel da universidade podem ser atribuídos, em grande parte, ao pouco compromisso das elites políticas e econômicas do país com a construção de uma sociedade civil forte. Há mais de 80 anos, em 31 de julho de 1937, o notável educador Anísio Teixeira, em discurso, por ocasião da inauguração dos cursos da Universidade do Rio de Janeiro, afirmava⁴:

“A Universidade é, pois, na sociedade moderna, uma das instituições características e indispensáveis, sem a qual não chega a existir um povo. Aqueles que não as têm, também não têm existência autônoma, vivendo, tão somente, como um reflexo dos demais. (...)”

(....)

“A função da Universidade é uma função única e exclusiva. Não se trata somente de difundir conhecimentos. O livro também os difunde. Não se trata, somente, de conservar a experiência humana. O livro também a conserva. Não se trata, somente, de preparar práticos ou profissionais, de ofícios ou artes. A aprendizagem direta os prepara, ou, em último caso, escolas muito mais singelas do que universidades.

Trata-se de manter uma atmosfera de saber, para se preparar o homem que o serve e o desenvolve. Trata-se de conservar o saber vivo e não morto, nos livros ou no empirismo das práticas não intelectualizadas. Trata-se de formular intelectualmente a experiência humana, sempre renovada, para que a mesma se torne consciente e progressiva.

Trata-se de difundir a cultura humana, mas de fazê-lo com inspiração, enriquecendo e vitalizando o saber do passado com a sedução, a atração e o ímpeto do presente.”

O Museu Nacional, como parte da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e como local de pesquisa e ensino de antropologia cumpria esse papel. O patrimônio histórico brasileiro, os museus, os centros de pesquisa, as universidades são parte de nossa identidade nacional. Essas instituições e organizações não podem ser reduzidas a debates estéreis e mesquinhos contra ou a favor da presença do Estado. Elas não podem ser reduzidas ao debate

⁴ - Teixeira, Anísio – Discurso Proferido na Inauguração da Universidade do Distrito Federal, em 31/7/1937, publicado como “Notas para a história da educação”. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. Rio de Janeiro, v.37, n.85, jan./mar. 1962. p.181-188. Disponível em IBICT, Biblioteca Virtual Anísio Teixeira – ver <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/notas2.html>, acesso em 4/9/2018.

sobre restrição fiscal e expansão do gasto público. Elas não podem ser reduzidas entre defensores progressistas e indiferentes.

Nesta hora é necessário um acordo mínimo para a manutenção da identidade e da memória nacional e a preservação da Universidade. Não é possível que o país assista imobilizado e indiferente a sucessão de incêndios e o enfraquecimento de seu patrimônio histórico e cultural.

Desde a destruição do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro há 40 anos, muito se perdeu em incêndios, abandono e indiferença quanto ao Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do país. Apenas na UFRJ, nos últimos anos pode-se apontar o incêndio da Capela de São Pedro de Alcântara (2011), da Faculdade de Letras (2012), do Prédio do Centro de Ciências da Saúde (2014), do Prédio da Reitoria da UFRJ (2016), do Alojamento Estudantil da UFRJ (2017). Mas, para que não se ache que é um problema do Rio de Janeiro ou da UFRJ. Pode-se apontar em São Paulo, nos últimos anos os seguintes incêndios: O Teatro de Cultura Artística (2008), o Memorial da América Latina (2013), Museu de Língua Portuguesa (2015), Cinemateca 2016.

Portanto, é necessário interromper essa marcha da insensatez. Em primeiro lugar, é necessário repudiar aqueles que querem transformar essa tragédia em arma política de curto prazo, seja a grande imprensa, sempre ávida por manchetes sensacionalistas e superficiais, sejam partidos políticos, à direita e/ou à esquerda, ou mesmo movimentos sociais. Esse tema é importante demais para ser jogado na grande pira funerária onde está sendo cremada a unidade nacional.

Nós do Instituto de Economia propomos, nesta hora grave, uma grande negociação nacional em torno das seguintes questões:

- (1) – Um Plano Nacional para a reforma, manutenção e desenvolvimento do Patrimônio Histórico e Cultural Brasileiro – com uma proposta orçamentária, um plano de investimento, um plano para a melhoria da gestão e um projeto de melhoria e desenvolvimento desse patrimônio.
- (2) – Um acordo e um planejamento nacional em torno da sustentabilidade, consolidação e desenvolvimento das universidades de ensino e pesquisa brasileiras, sejam universidades públicas federais, estaduais ou municipais e/ou universidades comunitárias sem fins lucrativos. Ficam excluídas apenas aquelas exclusivamente com fins lucrativos, controladas por fundos de investimento e com ações em bolsas de valores.

Tal discussão não deve ser partidária, mas calcada na necessidade da sociedade brasileira acordar quanto a condições mínimas para a sustentabilidade de seu sistema de ensino e pesquisa e da recuperação do patrimônio e memória nacional. Essa discussão não pode ser subordinada às questões de curto prazo de políticas de austeridade enviesadas, que são indiferentes aos problemas profundos da sociedade brasileira, e vulneráveis a pressão de privilegiados no setor privado e em bolsões poderosos do setor

público. Portanto, propomos que esse debate seja liderado por instituições de sociedade civil, como o SBPC, a Academia brasileira de Ciência, a Andifes, Foro Nacional dos Museus, com a participação de órgãos do Estado, Iphan, Ibram, Ministério da Cultura, Ministério da Educação e outros.

Pelas razões expostas, o Conselho Deliberativo do Instituto de Economia decidiu elaborar e encaminhar esta manifestação para as unidades e para o Conselho Universitário da UFRJ, sugerindo que nossa comunidade proponha, em conjunto, o encaminhamento defendido por esta nota para uma mobilização nacional em torno de (i) a reforma, manutenção e desenvolvimento do Patrimônio Histórico e Cultural Brasileiro e (ii) um planejamento nacional em torno da sustentabilidade, consolidação e desenvolvimento das universidades de ensino e pesquisa brasileiras, sejam universidades públicas federais, estaduais ou municipais e/ou universidades comunitárias sem fins lucrativos.
